

A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL TRAMADA NA TECEDURA DO ARTESANATO RELIGIOSO E ANALISADA A PARTIR DO FEMINISMO

A NON-FORMAL EDUCATION IN A RELIGIOUS ARTS WEAVERY, ANALYZED FROM THE FEMINIST PERSPECTIVE

Resumo

Esse artigo é parte de uma pesquisa de mestrado que foi realizada num ateliê de tecelagem localizado em Alvorada no estado do Rio Grande do Sul, entre 2009 e 2010 e buscou analisar os ensinamentos da Assembleia de Deus, transmitidos no cotidiano da tecelagem por meio da tecelã Algodão fiel da referida igreja. Identificamos como essa tecelã transmitia os ensinamentos sobre as feminilidades no espaço da tecelagem e quais as implicações disso no cotidiano da tecelagem. A pesquisa foi realizada com base na metodologia da observação participante e entrevistas individuais com gravações de áudio e vídeo, anotações em diário de campo e fotografias. Nossa análise foi realizada com base nos estudos feministas e pedagógicos, relacionados à observação detalhada de todo o material recolhido. Os ensinamentos dessa Igreja sobre as mulheres foram transmitidos, por meio de palavras bíblicas, orações, conversas informais e, sobretudo, durante o “momento devocional”. Essa liderança foi um lugar construído pela tecelã Algodão, diferente da sua presença na Igreja, onde às mulheres cabe a discricção e a obediência. Discretamente e fora Igreja, que exclui as mulheres e as coloca “a baixo” do masculino, a tecelã Algodão produziu um lugar para exercer a função de propagadora do evangelho, criando um espaço de ensino através da pedagogia da não-formalidade. Ou seja, uma ‘discreta’ insurgência.

Palavras-Chave: Religião. Educação. Feminismo. Artesanato. Tecelagem.

Abstract

This paper is part of research that was carried out between 2009 and 2010 in a weaving workshop located in Alvorada, RS, analyzing the teachings of the Assembly of God, which were communicated in the daily life by “*Cotton weaver*” a believer of the Church. We identified how “*Cotton weaver*” transmitted teachings about femininity in the weaving space and what the implications were in the daily weaving. The research was based on the methodology of participant observation and interviews with audio and video recordings, notes in a field diary and photographs. Our analysis was carried out based on pedagogical and feminine studies, and detailed observation of all collected material. The teachings of this church about women were transmitted through biblical words, prayers, informal conversations, and especially during devotions. This leadership was a space built by “*Cotton weaver*” and was different then her presence in the church, where it is for women to show discretion and obedience. Quietly and out of the Church, (which excludes women and puts them “below” males), “*Cotton weaver*” produced a place to exercise pastoral leadership, creating an educational space through non-formal teaching. That is, a ‘discreet’ insurgency.

Keywords: Religion. Education. Feminism. Crafts. Weaving.

Amanda Motta Angelo Castro

Doutoranda em Educação - UNISINOS/ Bolsista CAPES. E-mail: motta.amanda@terra.com.br

Edla Eggert

Coordenadora do PPGEDU UNISINOS/ Bolsista produtividade CNPq. E-mail: edla@unisinos.br

Introdução

Este artigo é parte da dissertação intitulada “*A Pedagogia das feminilidades aprendida na Assembléia de Deus e as implicações no cotidiano “ordinário” de mulheres tecelãs*”¹. A pesquisa empírica ocorreu num ateliê de tecelagem². Ali, mulheres “ganham a vida” criando peças entre tramas e fios. Sendo uma arte



Figura 1

milénar, a tecelagem é uma das formas mais antigas de artesanato presente nos dias atuais. No ateliê, os fios e tramas ganham forma e cores, num processo encantador de criação e produção.

Dentro do ateliê, percebemos duas pedagogias

1 CASTRO, Amanda Motta Angelo. (2011). *A Pedagogia das feminilidades aprendida na Assembléia de Deus e as implicações no cotidiano “ordinário” de mulheres tecelãs*. Dissertação de Mestrado. Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

2 O ateliê de tecelagem onde ocorreu nossa pesquisa está localizado no município de Alvorada, que se encontra na região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul. Este município emancipou-se no dia 17 de setembro de 1965, conforme a Lei Estadual nº 5026, e acredita-se que o nome da cidade seja uma referência ao seu povo, constituído, em sua maioria por trabalhadores que acordavam nas primeiras horas da manhã para trabalhar na capital (Porto Alegre). Com 72,9 Km², e área urbana legal de 52 Km², o município é um dos menores do Estado e sua economia é baseada principalmente no comércio e no setor de serviços. A maioria da população trabalha no município de Porto Alegre, fazendo com que a cidade seja conhecida também como cidade-dormitório. Sua população, segundo dados do IBGE de 2008, conta com 211.233 habitantes. As informações obtidas sobre Alvorada foram pesquisadas no site www.alvorada.rs.gov.br no dia 08/10/2009 (PREFEITURA ALVORADA, 2009).

distintas tramadas no cotidiano da tecelagem, que estabelecem dois processos não-formais de ensino e aprendizagem: um se refere à técnica da tecelagem, o outro se refere aos ensinamentos religiosos.

O primeiro processo ocorre, principalmente, por meio da tecelã coordenadora do ateliê, que nomeamos nessa pesquisa como “tecelã Linho”.

O segundo processo pedagógico não-formal que identificamos dentro do ateliê é o processo dos ensinamentos religiosos. Esse processo passou a ser observado pelo grupo de pesquisa com mais ênfase a partir da crise econômica mundial ocorrida no início de 2009. Neste ano, ocorreu a falência do tradicional Banco de Investimento Estadunidense Lehman Brothers, fundado em 1850, com sede em Nova Iorque. No final de 2008 o banco pediu concordata e, como efeito dessa falência, outras instituições financeiras quebraram. A crise agravou-se em 2009³ refletindo, em grande parte do mundo, sobretudo nos Estados Unidos e Europa. Como o ateliê pesquisado faz exportação, as mulheres sentiram o impacto da crise mundial em Alvorada.

Na época, trabalhavam no ateliê quinze mulheres. Com a crise, diminuíram os pedidos. Por falta de pedidos, sete mulheres saíram do ateliê e foram em busca de outros trabalhos. Como os pedidos foram reduzidos, não havia trabalho para todas. Sendo assim, durante o ano de 2009, acompanhamos momentos de despedidas, tristezas, desânimo, desesperanças e a busca das tecelãs para que, de alguma forma, a crise fosse vencida. Acompanhamos, ali, a felicidade ser adiada. Felicidade de ter trabalho, de poder produzir, “ganhar a vida”, manter o sustento e sobreviver. As palavras tristes e poéticas de (Gebara, 2000) passaram

3 As informações sobre a crise econômica de 2009 foram pesquisadas dos sites:

<<http://inverta.org/jornal/educacao-impressa/424/economia/crisemundial/>> Acessado em 17/11/2010.

<http://www.estadao.com.br/economia/not_eco244262,0.htm> Acessado em 17/11/2010.

<<http://www.produzindo.net/entenda-a-crise-economica-que-estamos-vivendo/>> Acessado em 17/11/2010.

<<http://vestibular.uol.com.br/ultnot/resumos/crise-economica.jhtm>> Acessado em 17/11/2010.

a fazer parte do cotidiano das mulheres tecelãs: “cada dia que passa se adia a justiça para amanhã, a plenitude do amor para depois, a felicidade para a eternidade” (*op. cit.*: 95). Sobreviver nesta incerteza requer uma pedagogia, que ainda é pouco pesquisada. Nesse sentido, (Streck, 2006) aponta que:

Sobreviver nessas condições é uma arte e requer estratégias pedagógicas com um nível de sofisticação igual ou maior do que aquelas que se encontram nos manuais didáticos da pedagogia hegemônica. É uma pedagogia da qual pouco se sabe, porque é gerada no clandestino, muitas vezes fora do âmbito do legal ou da formalidade oficial, entre as necessidades de alimentar-se e curar-se, enfim, viver. (Streck, 2006: 5)

E foi nessa incerteza que passamos a observar algo interessante: as mulheres, dirigidas pela tecelã Algodão, que trabalha há dez anos no ateliê, fiel da igreja pentecostal AD, passaram a desenvolver uma rotina antes não realizada no cotidiano do ateliê. Esta rotina está além dos processos de tecer, aprendido, ensinado e aplicado dentro do espaço do ateliê. A tecelã Algodão passou a “instituir” um processo pedagógico não-formal de ensinamentos religiosos. A referida tecelã é divorciada e cuida da família, incluindo o pai idoso. Podemos descrevê-la como uma mulher calma, tranquila, prestativa, dona de um modo simples de ser. Usa roupas, geralmente, em tons neutros, cabelos compridos, fala pouco e tem fala mansa e suave. Sempre tem palavras de conforto e busca auxiliar as demais colegas, tanto no que diz respeito a dificuldades no ateliê quanto à vida pessoal. E, quando há dificuldades e problemas dentro do ateliê, é a ela que as outras tecelãs procuram. Quando perguntamos a ela sobre sua importância dentro do ateliê e sobre sua capacidade de falar e confortar, trazendo esperança para suas colegas, ela respondeu que:

Não sei falar, sei que falo errado e não tenho estudo, estudei bem pouco, mas é que quando a gente vai falar

sobre Ele e das coisas Dele, Ele vem e fala através de nós, e também eu leio muito a palavra, eu sei que tenho que falar porque está escrito na palavra, às vezes eu fico com vergonha assim, vergonha de falar pra vocês que tem estudo, aqui no ateliê eu falo mais, mas também eu falo para as pessoas com estudo mesmo com um pouco de vergonha no começo, eu já falei Dele e da palavra até pra Edla, sei que todos precisam ouvir, então eu falo quando tenho oportunidade (Algodão, 05/08/2009)

Após as dificuldades encontradas no ateliê, a tecelã Algodão passou a fazer mais que conversar informalmente sobre Deus. Percebeu a “oportunidade” (ela refere, durante a pesquisa, que a crise financeira foi uma oportunidade de Deus, para que suas colegas conhecessem a Palavra) de “transmitir” ensinamentos da Igreja no ateliê, através de orações, palavras da Bíblia lidas no início da manhã e conversas informais sobre fé com suas colegas. A fala dessa tecelã aponta para a importância de a Igreja em ensinar:

Se tu abre a palavra de Deus está tudo ali, tudo que a gente tem que fazer, tudo que é certo fazer, a gente só tem que praticar e também a gente tem que pregar a palavra de Deus para as outras pessoas para que todos possam aprender sobre a palavra, não é só o pastor que diz que a gente tem que seguir e mostrar o caminho para as a outras mesmo as a palavra de Deus diz isso também. (Algodão, 29/07/2009)

Dessa forma, ela instituiu o ritual de, a cada manhã, ler um versículo bíblico e orar pelo bom andamento dos seus trabalhos e suas famílias.

A metodologia usada na pesquisa aqui apresentada ocorreu por meio da observação participante e entrevistas que buscaram resgatar as histórias de vida das mulheres pesquisadas. Durante nossa pesquisa, por meio da observação, participamos envolvendo-nos no cotidiano do ateliê. E, sem dúvida, esses momentos foram extremamente ricos para que mais tarde pudéssemos escrever sobre nossa partilha. Portanto, nossa pesquisa teve partilha, na medida em que pesquisávamos e éramos, a princípio, “as

estranhas” no grupo. As mulheres nos acolheram e, ali, estávamos na prática, afirmando os escritos de (Freire, 1992), com quem aprendemos que não há saberes maiores, que sabemos coisas diferentes, mas não mais importante que algum outro saber.

Uma Pedagogia entre o Artesanato e a Religião

Nos anos 60, Freire denunciou e buscou romper com a lógica educacional vigente e dominante. Para ele, a Educação é sempre um ato político. Defendeu que o ato educativo fosse pautado na formação crítica dos educandos/as, o que ocorre por meio



Figura 2

da problematização, da leitura do mundo, com o objetivo de levá-los ao que denomina como processo de conscientização. Uma Educação que acontece na relação de homens e mulheres entre si, mediatizados pelo mundo (Freire, 1992).

Segundo (Romão, 2008), para Freire não existe “a educação”, mas educações, ou seja, formas diferentes de homens e mulheres partilharem seu saber, partilharem o que são. Sob este princípio, podemos pensar na Educação em diversos espaços: debaixo de uma árvore, dentro de uma fábrica, dentro de casa, numa Igreja e (por que não?) dentro de um ateliê.

As pedagogias não-formais, vindas da experiência de vida, também podem ser nomeadas de pedagogias da clandestinidade (Streck, 2006), ou pedagogia da

não-formalidade (Cunha, 2010). Aqui trabalharemos com o conceito da Pedagogia da não-formalidade, entendido como modos de ensinar protagonizados por pessoas que não possuem formação. Essa pedagogia está ancorada na Educação Popular.

A pedagogia da não-formalidade, liderada pela tecelã Algodão, começou em um momento financeiro crítico no ateliê: não havia pedidos e, sem produzir, as trabalhadoras ficavam sem salário. Assim, no momento de angústia e falta de esperança, a partir das mulheres que sabiam que Algodão era da AD, iniciou-se o processo pedagógico de ensino e aprendizagem. O processo foi desenvolvido e mantido por Algodão, com a aceitação das demais.

Nesse processo, que acompanhamos durante quase um ano e meio, no “momento devocional”⁴ instituído por Algodão, observamos que a religião, trouxe conforto, esperança, calma e o reforço de que, nesse ambiente, todas são uma família. As tecelãs apontaram esse como o melhor momento do ateliê, mesmo com poucos pedidos. A fala de uma das tecelãs ilustra:

Eu acho que todas, todas tão com o mesmo pensamento em relação ao trabalho, em relação à convivência (.), uma entende a outra sabe? A gente não precisa que eu quer o falar assim, a gente não precisa ter dedos pra falar com ninguém. A gente, todas nós amadurecemos em relação ao trabalho, a convivência, a tudo, né? A gente foi amadurecendo. Uma aprende no olhar da outra se tu podes fazer uma brincadeira com aquela pessoa ou não, né? E Hoje em dia a gente pode brincar e falar de qualquer coisa. E pra mim, realmente é a melhor fase do atelier (.) é a melhor fase no trabalho também, não pelo volume de trabalho, mas pela estabilidade que ele tem, pra nós é, entendeu. (tecelã Seda 02/12/2009)

Nessa melhor fase do ateliê, segundo relato

4 Chamamos de “momento devocional” o espaço criado dentro do ateliê pela tecelã Algodão. Acontecia sempre pela manhã, antes do início das atividades de trabalho das tecelãs. Em círculos elas davam as mãos, oravam e a Tecelã Algodão, a partir de uma palavra da Bíblia, falava às demais colegas, fazendo assim uma hermenêutica do texto bíblico lido.

das trabalhadoras, Algodão foi considerada muito importante. A tecelã Lã comentou que “é bom pra gente ter alguém pra conversar, pra nos ensinar, porque eu não sabia nada dessas coisas de religião e de Deus, aí tô aprendendo e to gostando, me faz bem sabe?” (tecelã Lã durante observação participante, 2009). Quando as tecelãs desanimavam, por algum motivo, lá estava Algodão com uma palavra de esperança: “... gente tem respostas das nossas orações e então a gente pede algo sabe coisas boas, porque Deus dá respostas. Às vezes, não é imediato, mas Ele vai dando né. (Algodão, 26/06/2009). Com ou sem o reforço de Algodão, as demais viam seu trabalho de forma muito positiva, que contribuiu para o bom andamento do ateliê e de suas vidas pessoais. “Mesmo que a gente tá mal, a gente pode falar com Algodão e fazer a oração, isso é bom, faz bem pra nós, sabe?” (Tecelã Seda – durante uma observação participante, 2009).

Pensar na articulação entre Educação, gênero e religião é “andar na contramão”. Sabemos que o campo religioso vem sendo escrito, pensado e dominado pelo masculino há séculos (Gebara, 2000; Nunes, 2005). Gênero é sempre influenciado por fatores sociais como raça, etnia, cultura, classe social e idade (Fiorenza, 2009) e, segundo (Gebara, 2000), é também influenciado pela religião.

Gênero quer dizer, entre outras coisas, falar a partir de um modo particular de ser no mundo, fundado, de um lado, no caráter biológico do nosso ser, e de outro lado, num caráter que vai além do biológico, porque é justamente um fato de cultura, de história, de sociedade, de ideologia e de religião. (Gebara, 2000: 107).

Em 1920, Max Weber distinguiu a religião em duas: uma para o homem, outra para a mulher. Segundo o autor, as religiões baseadas no ascetismo, racionalismo, permitem a existência de líderes, heróis, profetas. Essas religiões estariam associadas aos homens. Já as religiões de caráter “mágico”, são orientadas pelo amor, distantes da ação, e são

associadas às mulheres. Em 1949, Simone de Beauvoir desenvolveu, a partir do feminismo, a mesma afirmação de Max Weber. No capítulo “A mística⁵”, no livro *Segundo sexo*, a referida autora afirma que para a mulher o amor é sua suprema vocação. Tanto amar, como ser amada é o desejo socialmente ditado para as mulheres. Por esse motivo a mulher busca a experiência da religiosidade com fervor e intensidade, pois assim ela ama e é amada. Com o amor mútuo do ser sobrenatural, a mulher sente-se extremamente valorizada e, a partir disso, sente-se encarregada de uma missão, o que faz com que muitas mulheres puguem, ensinem e esperem. Segundo Beauvoir (2009: 867), “a mulher está acostumada a viver de joelhos; espera normalmente que a salvação desça do céu onde reinam os homens (...)”. Nesse sentido, em relação à espera, a tecelã Algodão afirmou: “é que a gente tem respostas das nossas orações e então a gente pede algo, sabe coisas boas, porque Deus dá respostas. Às vezes não é imediato, mas ele vai dando, né.” Tecelã Algodão (26/06/2009).

Em 2001, Nunes retomou a lógica escrita por Weber e afirmou a distinção sexual estabelecida socialmente entre a religião: “às mulheres restaram as religiões mágicas, que incorporaram o erotismo e afastam da ‘ação do mundo’. Resultado: Homens ativos, mulheres passivas, tanto na religião quanto na sociedade”. (Nunes, 2001: 5). Não vamos aqui nos debruçarmos no sincretismo religioso presentes no Brasil, atualmente, mas usaremos o argumento do pensamento mágico⁶, escrito primeiramente por Weber, retomado por Nunes e trabalhado na Tese de Doutorado, da antropóloga mexicana, Lagarde (2005).

5 Segundo o dicionário de Filosofia, de Japiassú e Marconde, mística é o que diz respeito ao misticismo. Engloba caráter mágico, mistério e fascínio. JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. Dicionário básico de filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

6 Aqui abordaremos o pensamento mágico com base nas teóricas feministas: Marcela Lagarde, Maria José Rosado Nunes e Simone de Beauvoir. Entretanto sabemos a importância de outras abordagens sobre esse pensamento, sobretudo na área da Sociologia e Antropologia em que se destacam alguns teóricos entre eles: Max Weber, Phillips Stevens Jr, Paula Montero, Lucien Lévy-Bruhl e Claude Lévi-Strauss.

Oitenta e quatro anos depois da afirmação de Weber, Lagarde vai nos dar algumas contribuições importantes para pensarmos em relação às mulheres e à religião, em especial quando desenvolve o argumento de um “pensamento mágico”. Aqui, a busca por um amparo e uma solução “vem das alturas”, como na forma de um milagre. Por aprender que a força vem de fora, dos outros, elas facilmente buscam fora de si mesmas as respostas necessárias para suas inseguranças e necessidades. A autora lista uma série de itens, os quais são mais lidos e frequentados pelas mulheres do que pelos homens como, por exemplo, as cartas de tarô, a leitura dos horóscopos, a leitura das mãos e a frequência a círculos de orações e igrejas.

O “pensamento mágico” faz com que as mulheres acreditem no “milagre”, na força superior, na salvação das “alturas”. Para Lagarde, o que faz as mulheres buscarem amparo e fê, resultado de um “pensamento mágico”, não é a incapacidade e falta de inteligência em buscar outras formas de pensamento e, sim, porque o pensamento mágico sociocultural as impede de buscá-lo e fazê-lo. Segundo (Lagarde 2005: 300):

El pensamiento mágico y la deducción experimental coexisten em la mentalidad femenina con el principio político que rige su apreciación y afectiva del mundo: se trata del principio religioso, el cual hace que las mujeres consideren la vida, su vida y todo lo que ocurre a su alrededor, causado por fuerzas omnipotentes, exteriores y las más de las veces, ajenas a ellas. El principio religioso supone también lá consideración de los otros, sobre todo que quienes dependen de manera vital, como seres sobrenaturales, como deidades.

Parece-nos que a experiência da religiosidade para as mulheres está ligada ao pensamento mágico, fazendo assim com que elas se “esvaziem”, lançando o “poder” ao outro, de preferência a um ser masculino. É um compasso de espera, omissão e alento vindo das alturas. Um homem cuida, resolve e soluciona os problemas e angústias. Sobre essa solução, vinda de algum outro lugar e não da ação das mulheres, a

tecelã Algodão nos diz que:

Estou muito alegre porque meu trabalho está dando fruto, agora todas querem orar, pedir para Ele nos ajudar, Ele está nos enviando trabalho e a fê de todas está sendo acrescentada, eu estou fazendo o que Ele manda, eu estou semeando... A gente não é melhor do que ninguém que não é da Igreja, o que a gente precisa é ensinar a palavra para que todos venham como Jesus disse na palavra né... Ele nunca nos desamparou, Às vezes o nosso tempo não é o tempo de Deus, Amanda, a gente tem que esperar o tempo de Deus, tudo acontece quando Ele quer da forma como Ele quer a gente tem que esperar. (Algodão, 20/10/2009)

A teologia e a educação das mulheres para a submissão aparecem como um discurso globalizante, universal (Gebara, 2000). Segundo (Ruether, 1995), a religião é sexista e promove um argumento que possibilita às mulheres empalidecerem seus caminhos em detrimento a um Deus que é representado sempre no masculino. Também (Fiorenza, 1992) indica instâncias que despotencializam os saberes das mulheres em detrimento aos ensinamentos teológicos androcêntricos. Todas essas autoras, porém, demonstram que há janelas, há subversões, há mulheres que não se conformaram que levantaram a suspeita de que poderia ser diferente.

Sobre as janelas de resistência, (Eggert, 2008: 85) afirma que: “(...) a religião talvez possa vir a ser um elemento de força e resistência a partir do desejo de liberdade, embora saibamos que, rapidamente, encontraremos elementos segregadores que estimulam a subserviência.”. Em vista disso, podemos compreender que o pensamento mágico, exercido pelas mulheres no cotidiano de suas religiosidades, e trazido como conhecimento científico por (Lagarde, 2005), nos leva a perceber uma elaboração complexa. É importante situarmos que, dentro da Igreja AD não há ídolos, imagens nem amuletos, portanto, a religiosidade exercida pelas mulheres deve ultrapassar os níveis do concreto, e

passarem para uma reelaboração dessa abstração. Crer no impossível e tornar esse impossível real e possível é um movimento que não é simples. Para isso são necessárias outras formas de reelaboração. Logo, o pensamento mágico requer uma reelaboração complexa. Logicamente, essa “moeda” possui dois lados. Por um lado, considerando as questões acima referidas, podemos classificar esse pensamento como inteligente. Por outro lado, o pensamento mágico leva à dependência total do “outro”. Essa lógica tornou-se discurso no cotidiano do ateliê, quando a tecelã Algodão foi perguntada sobre os rumos do ateliê e como poderia ser resolvido ou que estratégia poderia ser utilizada na situação, ao que ela disse:

Peguei as gurias e disse pra nós fazer uma oração, porque só quem podia ajudar nós era Deus, por mais que tenham coisas ruins e aconteçam coisas difíceis na vida, Ele pode todas as coisas né e aquilo que é impossível para o homem e para a mulher é possível para Ele. Daí eu disse aí gurias vamos fazer uma oração daí demos-nos as mãos em sinal de união né e oramos a Deus e pedimos assim: só o Senhor pode mudar a situação. (26/06/2009)

Ao que parece, na fala da tecelã Algodão há uma marcação de gênero no pensamento desenvolvido pelas mulheres, assim como de um pensamento mágico. Conseguimos imaginar um grupo de homens passando pela mesma situação e buscando por meio de orações a saída para seus problemas? Provavelmente iriam se reunir para discutir a situação. Ou talvez chamassem alguma consultoria? A questão posta não afirma que as mulheres buscam o pensamento mágico devido à falta de inteligência, mas sim que mulheres foram culturalmente ensinadas a pensar que o poder de mudança não está nelas e sim em um homem (Lagarde, 2005. Beauvoir, 2009).

Embora o pensamento mágico esteja a todo instante na fala da tecelã Algodão, todas trabalham muito, acreditam que Deus vem ajudar e realmente acreditam nos milagres vindos das alturas, mas

estão sentadas em seus teares trabalhando [fazendo o milagre acontecer!], sabem que o trabalho é necessário. A própria tecelã Algodão, em um de seus ensinamentos falou: “A gente precisa trabalhar aqui no ateliê, mesmo a gente não tendo muito pedido, a gente tem que continuar os pedidos se a gente pedir Ele vai suprir” (Algodão, 2009).

Com base em sua capacidade de expressão e conhecimento bíblico, a tecelã Algodão se transformou em uma liderança dentro do ateliê. Pelas manhãs, nenhuma tecelã começava a tecer sem o momento devocional. Em círculo, de mãos dadas, oravam e, depois, a tecelã Algodão escolhia uma palavra da caixinha dos versículos bíblicos e explicava seu significado para as demais colegas. Durante o dia, as mulheres a procuravam para pedir conselhos e orações para alguma situação específica. Durante o tempo da observação participante, uma das tecelãs, grávida e muito preocupada com o parto e a saúde do seu bebê, procurou a tecelã Algodão que logo se dispôs a lhe dar conselhos sobre esse momento: “Pode ficar tranquila que tudo vai correr como os planos de Deus, vou orar e pedir para Ele te guiar” (Algodão, set, 2009).

Embora Algodão tenha falado durante muitos momentos, nas observações participantes, sobre não poder pregar na Igreja, falou, também, que no ateliê podia fazer isso, e que fazia e gostava do trabalho de “evangelização”, para que todos pudessem ir para a família de Deus.

O pastor diz que a gente não pode falar, isso por causa da palavra que diz que a gente tem que ficar quieta, tudo bem eu fico na igreja no meu canto, muito difícil eu dar um testemunho, mais aqui no ateliê eu me sinto muito usada pelo Espírito e por Deus é bem bom a gente pode fazer esse trabalho de ensinar a palavra para as pessoas, porque todas as pessoas precisam Dele (Algodão, mai, 2009)

Todavia, mesmo sabendo e ensinando o lugar da mulher como um lugar bastante submisso, Algodão

se afirma no ateliê como uma liderança espiritual. Lá, ela desenvolve um lugar de poder que lhe é negado pelas relações desiguais de gênero existentes na Igreja.

Considerações Finais

Quando a tecelã Algodão propôs os ensinamentos sobre as mulheres, tivemos um impasse: as tecelãs em grande parte não concordam com os ensinamentos sobre as mulheres, ou discordam em parte, mas como a Algodão é muito bem vista pelo grupo é difícil observar totalmente as não concordâncias sobre o assunto. Em uma entrevista, Algodão falou sobre os ensinamentos da Bíblia para o feminino:



Figura 3

A bíblia fechada é só um livro, aberto, ele ensina sobre tudo, aqui tento dar todos ensinamentos pras gurias, mas elas querem os bons, os que Deus vai ajudar e essas coisas boas e tem outras coisas que não consigo muito bem trazer pra cá....sobre as mulheres a bíblia diz pra ser submissa, respeitar os maridos porque eles são os sacerdotes do lar essa é a verdade, e até assim as roupas a gente tem que tê uma forma de ser que é mais tranquila mais silenciosa, no pouco falar a gente até peca menos, eu digo pras gurias a gente tem que trabalhar porque diz a palavra contra a preguiça Deus manda o preguiçoso ter com a formiga porque ela trabalha sabe? A gente peca menos quando a gente trabalha (Algodão, 28/09/2009)

Nos momentos devocionais, Algodão fez algumas tentativas de introduzir ensinamentos sobre as mulheres, que todas escutavam. Após o término da devocional, iam para seus teares e, às vezes, comentavam alguma coisa sobre o ensinamento. Em uma manhã, a tecelã Lã falou baixinho para a tecelã Seda: “prefiro quando a palavra e a oração é sobre outras coisas que nos traz assim paz pra trabalhar, eu não sei quem é que manda lá em casa, mais eu retruco com meu marido, sabe? Não deixo assim barato não” (tecelã Lã, nov, 2009).

Durante uma das entrevistas, Algodão falou sobre a mulher e suas funções no lar:

A mulher sábia edifica seu lar, mas a tola derruba com suas mãos, o que é isso né? E essa mulher da bíblia trabalha muito, à noite ela prepara o trabalho, botam a lã na roca, ficam trabalhando e também cuidando do lar, a mulher precisa organizar e arrumar seu lar isso também é edificar tipo também obedecer ao marido sabe? Não pro mal, mais é que a bíblia diz...o homem é o sacerdote ele manda no lar, mais ele não pode bater sabe essas coisas são pecado e não pode na bíblia cada um homem e mulher tem seu trabalho. (Algodão, março, 2010).

Quando perguntei como ela percebia suas falas no ateliê, se a mulher precisa ficar mais em silêncio, ela argumentou:

A mulher é ajudadora, dizem que mulher não pode pregar porque está lá no novo testamento, mas no velho testamento tinha uma juíza! Então ela tinha que falar é por isso que eu falo porque Deus manda e também tem a Rute, Débora e Ana um monte de mulheres valorosas e também corajosas sabe que falavam, mas tem que ser temente a Deus e nunca esquecer que somos ajudadora às vezes é difícil entender a palavra sabe? Mas ta escrito lá ... então eu vou continuar falando com as gurias devagarzinho quando o Espírito manda (Algodão, março, 2010).

Algodão transmitia os ensinamentos para o feminino aprendido na AD no cotidiano do ateliê,

nestes ensinamentos sobre a mulher encontramos os adjetivos: ajudadora, sábia, trabalhadora, edificadora, obediente, calma, silenciosa.

No entanto, as tecelãs resistiam a esses ensinamentos, preferindo os outros relacionados à ajuda, ao bem-estar e à esperança. Em vista disso, os ensinamentos que mais repercutiam dentro do ateliê não estavam os ligados a gênero, e sim os de esperança e fé em Deus.

Dentro do ateliê vemos uma mulher que no seu cotidiano ordinário se firma neste lugar, mas este espaço é clandestino e à margem da instituição religiosa formal. E neste espaço ela é uma forte líder espiritual. Sua liderança traz ao grupo de tecelãs conforto e reforça as relações de afeto dentro do ateliê. Esta mulher, que desafia a igreja dentro do ateliê, ensina para as demais colegas o “lugar” que a Igreja marca para o feminino. Sobre esses ensinamentos as demais tecelãs discordam. Em vista disso, percebemos dentro do ateliê os paradoxos entre gênero e religião: a tecelã Algodão orava, pregava, fazia hermenêutica dos textos bíblicos lidos, aconselhamentos, e era procurada pelas demais tecelãs para receberem conforto, conselhos e orações. E, para além de todas essas questões, que a afirmavam como

uma liderança no cotidiano do ateliê, ela ensinava. Aqui encontramos algo interessante: ao mesmo tempo, ela desafiou a lógica hierárquica da Igreja e de seus ensinamentos sobre a submissão e o silêncio das mulheres, pois exerceu a liderança e fez o que não lhe era permitido no espaço do ateliê. Também, de certa forma, ensinou um conteúdo patriarcal, mas que foi, em parte, rejeitado pelas colegas tecelãs. Portanto, ela não fazia o que o pastor e a bíblia mandavam, mas ensinava o que o pastor e a bíblia transmitiam!

Assim, percebemos a dicotomia entre religião e mulheres. A tecelã Algodão sai do “lugar” marcado para ela estar, mas ensina este “lugar” para as demais mulheres que não recebem tais ensinamentos de forma passiva. Em vista disso, as implicações no ateliê se dão de forma ambígua, trazem conforto, esperança e confiança e firmam a tecelã Algodão como sendo a protagonista de uma pedagogia da não-formalidade, fazendo teologia a partir das margens (Eggert, 1998). Entendemos que, por meio do estudo da manifestação da tecelã Algodão, que lidera um aprendizado nesse ateliê, estamos criando um debate sobre a importância de a Educação observar o quanto a religião se faz presente nos processos de formação em espaços formais e não-formais da vida de mulheres e homens.

Referências

BEAUVOIR, Simone. (2009). *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

CUNHA, Aline Lemos. (2010). “Histórias em múltiplos fios”: o ensino de manualidades entre mulheres negras em Rio Grande (RS – Brasil) e Capitán Bermúdez (Sta. Fe – Argentina) (re)inventando pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas. Tese de doutorado. Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

EGGERT, Edla. (1998). *Educa-teologiza-ção: fragmentos de um discurso teológico (mulheres em busca de visibilidade através da narrativa transcrita)*. Tese (Doutorado). Teologia, Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo.

EGGERT, Edla. (2003). *Educação popular e teologia das margens*. São Leopoldo: Editora Sinodal.

_____. (2008). “Trabalho Manual e debate temático: Tramando Conhecimentos na simultaneidade”. In: IN NEUENFELDT, Eliane et al. (Org.). *Epistemologia, violência, sexualidade: olhares do II Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Sinodal.

_____. (2008). *(Re) Leituras de Frida Kahlo: Por uma ética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul, Edunisc.

FIORENZA, Elisabeth Schussler. (1992). *As origens cristãs da mulher: uma nova hermenêutica*. São Paulo:

Paulinas.

_____. (2009). *Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação Bíblica feminista*. São Bernardo do Campo: Nhauduti.

FREIRE, Paulo. (1992). *Pedagogia do Oprimido*. 45.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

GEBARA, Ivone. (2000). *Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal*. São Paulo, Vozes.

PEZZOLO, Dinah Bueno. (2008). *Tecidos: História, tramas, tipos e usos*. São Paulo: Editora SENAC.

RUTHER, R.(1993). *Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista*. São Leopoldo : Sinodal.

ROMÃO, José. Educação. (2008). In.: STRECK, Danilo Romeu. *et al. Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica.

LAGARDE, Marcela. (2005). *Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*. 4.ed., Ciudad del México: UNAM.

NUNES, Maria Jose Rosado. (2001). “O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões”. *Revista Pagu*. Campinas: nº 16. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332001000100005&script=sci_arttext>. Acessado em 12 de dez de 2008.

NUNES, Maria Jose Rosado. (2005). “Gênero e a experiencia religiosa de mulheres”. In.: *Corporeidade, etnia e masculinidade. Reflexoes do I CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO*. MUSSKOF, André & STRÖHER, Marga. São Leopoldo: Sinodal.

NUNES, Maria Jose Rosado. *Gênero e Religião*. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n2/26888.pdf>>. Acesso em: 5 ago de 2009.

STRECK, Danilo Romeu (2006). “A educação popular e a (re)construção do público. Há fogo sob as brasas?”. *Revista Brasileira de Educação*. v. 11 n. 32 maio/ago. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782006000200006&script=sci_arttext>. Acesso em: 10 nov de 2009.

WEBER, Max. (1982). *Ensaio de Sociologia da Religião*. São Paulo: LTC.

_____. (1996). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo. Livraria Pioneira.